Duque, Eduardo (2014), *Mudanças culturais, mudanças religiosas – Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*

Paulo Reis Mourão

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/6424>

DOI: 10.4000/rccs.6424

ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 setembro 2016

Paginação: 145-148

ISSN: 0254-1106

Refêrencia eletrónica

Paulo Reis Mourão, « Duque, Eduardo (2014), *Mudanças culturais, mudanças religiosas – Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 110 | 2016, posto online no dia 26 setembro 2016, consultado o 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/6424> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.6424>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.

Duque, Eduardo (2014), *Mudanças culturais, mudanças religiosas – Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*

Paulo Reis Mourão

REFERÊNCIA

Duque, Eduardo (2014), *Mudanças culturais, mudanças religiosas – Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 338 pp.

- 1 Joseph Schumpeter, em *Capitalisme, socialisme et democratie* (1990 [1942]),¹ foi dos primeiros autores a referir que as mudanças económicas – refira-se, as grandes mudanças económicas – ultrapassam as contingências dos ciclos estruturais e são desencadeadas sobretudo pelas mudanças de valores que os agentes expressam. Eduardo Duque, em *Mudanças culturais, mudanças religiosas – Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*, estuda sobretudo a mudança dos nossos valores, enquanto europeus e enquanto cidadãos que expressam (ou não) atitudes religiosas. Estudando o “Índice” (pp. 337-338), podemos perceber nesta estrutura um esforço de aproximação de espaços (e de dimensões). Portanto, encontramos-nos perante uma obra de fronteira metodológica e de fronteira disciplinar.
- 2 O capítulo introdutório (pp. 7-16), além de enunciar o plano geral da investigação, tem uma atenção meritória sobre a revisão das tensões político-religiosas em Portugal, desde o período da Monarquia Constitucional até estes primeiros dez anos do século XXI. Esta é uma revisão suportada nas leituras de Oliveira (1994)² ou Ramos (1983)³ que, na análise da integridade da obra, se compreende essencial para lançar o quadro de modernidade – ou melhor, de complexidade – que o investigador Eduardo Duque

encontrou na análise dos dados do *European Values Survey*, nomeadamente na edição mais recente (datada de 2008).⁴

- 3 O segundo capítulo (“Enquadramento Teórico da obra”, pp. 17-54) começa por colocar ao leitor uma pergunta desafiadora: “Tem o sociólogo um método para estudar a Religião mais adequado do que o do teólogo, filósofo ou psicólogo?” (p.17). Entende-se que a elencagem destas quatro expressões de cientista social não é restritiva do leque de outras expressões, onde cabe o economista, o gestor ou o politólogo (Kumar, 2009).⁵ O capítulo progride para uma discussão detalhada sobre a “emancipação da Razão”, alcançando uma discussão muito estimulante sobre a *Crítica da Racionalidade Instrumental* (pp. 29-30), recheada de observações pertinentes de reflexão metodológica transversal às Ciências Sociais.
- 4 Este capítulo apresenta ainda uma discussão sobre a secularização/dessacralização das figuras do Divino (pp. 30-38). Enquanto na esteira da *Epístola de Tiago* poderíamos considerar o Próximo como o Sacrário do Deus Cristão, as novas “multiculturalidades religiosas” (pp. 36-37) caminham para uma religiosidade de fragmentos (onde o Ócio ou o Prazer, partilhados ou não, se afiguram, também, como espécies substitutas de Deus). Duque (2014) termina o capítulo II com uma discussão sobre os Centros de Galtung (pp. 50-54). Percebemos a relevância desta referência a Galtung (1971),⁶ na medida em que a dinâmica dos centros (por definição, os espaços de concentração dos pontos referenciais) leva a que os agentes oscilem numa tensão permanente entre centro(s) e periferia(s).
- 5 Os capítulos III e IV (pp. 57-158) são, claramente, capítulos de análise empírica. Desde logo, principiam por uma atenção crítica sobre os métodos de recolha, amostragem e compilação do *European Values Survey* (pp. 58-60) ou de fontes complementares (como o *Anuário Católico*, os *Censos da Prática Dominical*, ou a *Base de Dados do Instituto Nacional de Estatística*). Posteriormente, avançamos para a explicitação dos instrumentos de análise comparativa que Duque (2014) vai usar, sempre numa base comparativa (2008 face a 1990): distribuição das frequências de resposta (complementadas com uma discussão dos coeficientes de contingência), análise de componentes principais, análise da consistência interna dos fatores, correlação entre constructos e esboço de regressões bivariadas. Duque (2014) observa aqui um largo conjunto dimensional: a autoidentificação religiosa; a assistência aos serviços religiosos; e a dimensão religiosa e institucional. Algumas observações empíricas merecem ser destacadas. Dada a extensão dos desafios emergentes, permito-me destacar três: a crise de fé na população sénior, a forte correlação entre a importância atribuída ao Divino e ao Outro, e a relação interinstitucional.
- 6 Os capítulos V e VI detalham um conjunto de evidências complementares, especialmente a diminuição entre a priorização das preocupações materialistas (“manter a ordem no país” e “combater a subida de preços”) e as preocupações pós-materialistas (capacitação política e proteção da liberdade de expressão). Nomeadamente, o gráfico 5.4 intitulado “Pós-materialismo, no conjunto, segundo as gerações (Diferenças de percentagens)” (p. 167), mostra a diminuição das diferenças de percentagens entre os dados de pós-materialistas recolhidos em 2008, face aos recolhidos em 1990 (sobretudo para os indivíduos nascidos em 1971 ou em 1981). Explicação que converge com a explicação clássica de Inglehart (1977: 33) sobre a dinâmica das diferenças percecionadas nos valores de grupos de diferentes idades.⁷ Outra evidência relevante surge com o gráfico 6.1, intitulado “Posição religiosa,

segundo índices” (p. 194), no qual as confissões não católicas em Portugal são identificadas como mais conservadoras do que no resto da Europa.

- 7 Com o capítulo conclusivo, reconhecemos que estamos perante uma obra que prima desde logo por uma qualidade académica: a humildade. A polidez do texto também pode ser identificada como mais uma das forças da obra. Percebe-se o foco no lado da procura de religiosidade (foco naqueles que procuram serviços ou expressões organizadas do religioso) e não tanto o foco da oferta de religiosidade (igrejas, confissões, instituições religiosas). A exploração deste *supply-side* do religioso deve ficar como uma motivação/ um desafio para a continuação da investigação das mudanças religiosas dos europeus (na esteira de Mourão, 2011⁸ ou Bezjak, 2012⁹).
- 8 Outro desafio possível emerge da noção matemática do complemento do conjunto fechado – ao definirmos (isto é, ao fecharmos) o conceito de “religiosidade” temos consciência de que existe um espaço conceptual da não religiosidade? Quais as fronteiras do que é não religioso? Quais os pontos internos deste espaço não religioso? São questões que emergem naturalmente da riqueza derivada das discussões inerentes a esta obra de Eduardo Duque.

NOTAS

1. Schumpeter, Joseph (1990), *Capitalisme, socialisme et démocratie*. Paris: Payot [ed. orig. 1942].
2. Oliveira, Miguel (1994), *História eclesiástica de Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
3. Ramos, António Jesus (1983), “A Igreja e a I República: a reação católica em Portugal às leis persecutórias de 1910-1911”, *Didaskalia*, 13, 251-302.
4. GESIS (2008), *European Values Study*. Consultado a 30.06.2013, em <http://www.europeanvaluesstudy.eu/page/survey-2008.html>.
5. Kumar, Vikas (2009), “Law, Economics, and Religion”, *Indira Gandhi Institute of Development and Research*. Consultado a 15.09.2015, em http://works.bepress.com/vikas_kumar/36.
6. Galtung, Johan (1971), “A Structural Theory of Imperialism”, *Journal of Peace Research*, 8(1), 81-118.
7. Inglehart, Ronald (1977), “The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-industrial Societies”, *American Political Sciences Review*, 65, 991-1017.
8. Mourão, Paulo Reis (2011), “Determinants of the Number of Catholic Priests to Catholics in Europe – An Economic Explanation”, *Review of Religious Research*, 52(4), 427-438.
9. Bezjak, Sonja (2012), “Catholic Women Religious Vocations in the Twentieth Century: The Slovenian Case”, *Review of Religious Research*, 54(2), 157-174.

AUTORES

PAULO REIS MOURÃO

Departamento de Economia, Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho
Campus de Gualtar, 4700-015 Braga, Portugal
paulom@eeg.uminho.pt